



INSTITUTO MARIA ARAGÃO: APROXIMAÇÕES AO DEBATE SOBREPOLÍTICAS DE MEMÓRIA NA PERSPECTIVA DA CLASSE TRABALHADORA NO MARANHÃO

Karlana Bianca Matos Sousa¹
Cláudio Eduardo Félix dos Santos²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho expõe as primeiras aproximações aos resultados de pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade. Nossa investigação toma por objeto a atuação do Instituto Maria Aragão-IMA, situado na cidade de São Luís no estado do Maranhão, enquanto política de memória. O referido Instituto foi criado no ano de 2001 no intuito de referendar a memóriada médica comunista maranhense Maria José Aragão (1908-1991).

O IMA é uma entidade sem fins lucrativos que foi criada por um grupo de amigos, intelectuais, políticos e artistas que pretendiam “preservar a memória de Maria Aragão, oferecendo um espaço de luta, formação, debate e atuação política em defesa dos direitos dos menos favorecidos” (MOREIRA NETO, 2016).

O objetivo do nosso trabalho é analisar as bases em que forame está sendo constituída a memóriade Maria Aragão por meio deste Instituto. Visa-se com isso apreender de que modo o instituto contribui com a preservação e construção da imagem desta personalidade que marcou a sociedade maranhense e a própria luta da classe trabalhadora brasileira.

Maria Aragão foi militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) de 1945 até meados da década de 80, sendo peça fundamental na organização do partido em São Luís e responsável por articulações políticas no interior do estado.

1 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Memória: linguagem e sociedade-PPGMLS- da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB. Pedagoga, formada pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão- IFMA, Campus- Pinheiro. Endereço eletrônico: karlana.sousa@ifma.edu.br

2 Doutor em Educação (UFBA). Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia: Departamento de Filosofia e Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Pesquisador do Museu Pedagógico Padre Palmeira (UESB) no qual coordena o Grupo de Pesquisa: Estudos Histórico-Críticos em Educação (GPEHC). Membro do Grupo de Pesquisa Estudos Marxistas em Educação. Endereço eletrônico: cefelix2@gmail.com



METODOLOGIA

A fim de melhor problematizar os dados e nossas fontes estamos analisando as disputas políticas em torno da memória de Maria Aragão, revisitando sua trajetória de atuação profissional e política no estado, buscando identificar os elementos que fizeram de sua figura e de sua história uma referência para as lutas de esquerda no Maranhão.

Para consecução da pesquisa pretendemos recorrer a revisão bibliográfica a respeito da vida de Maria Aragão, a revisão da literatura sobre a memória social e lugares de memória ligadas a resistência e de seu “uso” no Brasil e na América Latina, além de entrevistas semi- estruturadas com os fundadores do IMA, com militantes do Partido Comunista Brasileiro no Maranhão, bem como com trabalhadores que circulam pelo espaço do Instituto ou mesmo da Praça que leva o nome da comunista maranhense a fim de termos um quadro amplo acerca da memória de Maria Aragão na cidade.

A pesquisa bibliográfica nos servirá para revisar o que já temos escrito sobre a médica e sua atuação profissional. Nos livros de Azevedo, (2016) e Moreira Neto, (2015), encontramos vasto material sobre a médica.

Por meio das entrevistas pretendemos nos aproximar ao máximo das versões e visões sobre Maria Aragão buscando apreender o papel e a capilaridade do Instituto e da política de memória por ele desenvolvida entendendo que,

[...] Essa esfera **busca codificar representações comuns do passado, suas condições de transmissão, seus processos de seleção**; em geral, o poder público elege um grupo os “notáveis da memória” que dimensionam políticas de memória, os quais produzem objetos do passado, arquivos, lugares, fatos, exigem mediações acadêmicas e visibilidade midiática. Porém não é só a esfera pública a mediadora e /ou produtora disso. As igrejas, as famílias, os partidos políticos, os sindicatos etc., também podem ser produtores de políticas de memória com os mesmos pressupostos da esfera pública, ou seja, **deliberando realidades reguladoras e impositivas de heranças comuns** [...] (TEDESCO, 2011, p.20, grifo nosso)

Deste modo abordaremos as políticas de memória em seu caráter de unidade e diversidade: o que une e o que separa os agentes responsáveis pela criação e manutenção do IMA, quais aspectos da memória política de Maria Aragão são ressaltadas no Instituto e de que forma essa memória é reconfigurada e rearticulada com vistas a garantir uma unidade em torno de uma figura política de resistência em tempos onde as lutas populares



parecem esvaziadas de sentido:

As políticas do passado articulam a produção, a conservação e a transmissão da lembrança, valores, de cognições e de representações de uma referida sociedade (memórias sociais e memórias coletivas), de um fato e de um governo que passarão a ter incidência direta sobre a matriz simbólica de uma sociedade em relação a uma época, ou, então, produzir uma “instituição imaginária de identidades coletivas”. (MICHEL, 2010,p.5 apud, TEDESCO, 2011 ,pg.20)

Os espaços de memória podem ser entendidos como a materialização da memória social, espaços de rememoração e de esquecimentos em uma dinâmica própria das sociedades humanas.

Para embasar as análises referentes ao IMA pretendemos lançar mão dos estudos sobre memória individual e coletiva de Halbachaws (1990); os estudos sobre memória social e lugares de memória e ainda sobre memória e poder no Brasil e na América Latina, tal como Jelin (2002) e Tedesco (2011).

RESULTADOS

Durante a sua vida, Maria Aragão atuou como médica ginecologista, atendendo em sua casa e em Postos de Saúde localizados na periferia de São Luís, mas nunca deixou de ter uma atuação política no Maranhão.

Fez o curso de medicina no Rio de Janeiro (1935-1942). Conheceu Luiz Carlos Prestes, secretário geral do Partido Comunista no Brasil (PCB) no ano de 1945 durante o histórico comício no Campo do Vasco. Em meio a um turbilhão de acontecimentos para conseguir terminar o curso de medicina e começar a trabalhar (gravidez, nascimento e morte prematura de sua filha, interrupção do curso, morte da mãe, problemas financeiros e de moradia...) se questionava sobre a “ordem do mundo” e de como poderia ajudar os mais pobres. Assim ingressou no Partido Comunista (1945), ainda no Rio de Janeiro, e foi indicada pela direção nacional a voltar para São Luís e organizar o partido no estado.

Atuou na direção do partido (1945-1980), foi presa três vezes (1951, 1973,1978), integrou a direção da Central Única dos Trabalhadores-CUT no Maranhão (1983-1991), dirigiu e escreveu no Jornal Tribuna do Povo (1945-1962), participou de greves históricas na cidade: a de 1951 contra as denúncias de fraude nas eleições estaduais e a greve da



meia passagem (1979). Na direção dos sindicatos dos médicos, foi uma das articuladoras de uma greve (14 dias) da categoria dos profissionais de saúde em 1984, em São Luís, de repercussão nacional. Foi uma das fundadoras da Liga de Combate ao Câncer (1970) e trabalhou na Fundação Antônio Jorge Dino (1980-1990), especializada no tratamento de câncer. O Jornal *Voz Operária*, circulou no Maranhão nos anos 70, tendo Maria Aragão como uma das divulgadoras, fato que contribuiu para sua prisão (MOREIRA NETO, 2005; AZEVEDO, 2016).

Indicada pelo partido ficou um ano (1961-1962) na antiga União Soviética-URSS fazendo um curso de formação do Partido Comunista. Na década de 80 fundou e atuou no Grupo de Mulheres Oito de Março, que promovia debates e palestras sobre questões de saúde e questões sociais na periferia de São Luís (AZEVEDO, 2016).

Maria Aragão afastou-se do PCB na década de 1980. Nesta mesma época, aproximou-se do PDT- Partido Democrático Trabalhista e do PT-Partido dos Trabalhadores, contudo, não se filiou novamente a nenhum partido político. Na década de 1990 o então deputado federal pelo PT, Haroldo Sabóia e Maria Prestes Ribeiro viúva de Prestes, começam a articular o projeto da Praça e do Memorial Maria Aragão (AZEVEDO, 2016).

O Memorial é administrado pela Fundação Municipal de Cultura, órgão ligado a Prefeitura de São Luís, que atualmente garante a vigilância, manutenção e um funcionário que monitora as visitas e encaminha o agendamento de eventos na Praça. O Memorial funciona das 13h às 17h de segunda à sexta.

A Praça e o Memorial Maria Aragão foram projetados por Oscar Niemayer e inaugurados em 1994 e 2001, respectivamente. O Memorial abriga uma exposição permanente com objetos pessoais, fotografias, documentos, livros, discos e instrumentos de trabalho. A Praça Maria Aragão constitui o maior espaço público aberto da cidade de São Luís (FIGUEIREDO, 2016).

CONCLUSÃO

Esse sumário quadro da vida e história de Maria Aragão dão base para que possamos discutir como as disputas pela memória dos lutadores do povo tem sido produzida por instituições, que entendemos como campo da política de memória. Assim, nos interessa como objeto, não apenas a trajetória desta militante, mas como seus contemporâneos e as novas gerações lidam com o desenvolvimento do trabalho com a memória por meio



do Instituto e dos marcos públicos que preservam ou anunciam a existência de Maria Aragão como figura pública que dedicou sua vida à luta em defesa dos trabalhadores e trabalhadoras.

Ainda não temos dados suficientes para chegar a alguma conclusão. Como se trata de exposição de um projeto em andamento levantamos duas questões que norteiam a nossa investigação, a saber: por que e de que modo a preservação e divulgação da memória de uma militante comunista ganha destaque em meio às recorrentes tentativas de silenciamento e apagamento dos vestígios históricos de lutadores populares, sobretudo de comunistas e marxistas, por parte da classe dominante? Quais embates foram travados para que sua memória ganhasse espaços dedicados a esse fim e como o IMA e o Memorial Maria Aragão desenvolvem atividades neste sentido?

Essas questões ainda a serem respondidas nos colocam o desafio de buscar os processos, as contradições e visões acerca de Maria Aragão.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Emílio. **Uma subversiva no fio da história**. São Luís: Vias de Fato, 2016.

FIGUEIREDO, Raíssa. <**Memorial Maria Aragão**>. Disponível em: <http://arteref.com/?s=memorial+maria+arag%C3%A3o>. Acesso em 08 de março de 2017

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice e Revista dos Tribunais, 1990.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. 2002. Disponível em: <<http://cesycme.co/wp-content/uploads/2015/07/Jelin-E.-Los-trabajos-de-la-memoria.-.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

MOREIRA NETO, Euclides. **Maria por Maria ou A Saga da Besta-Fera nos porões do cárcere e da ditadura**. São Luís: Engenho, 2015.

TEDESCO, João Carlos. **Memórias em batalha: dimensão política da memória**. Cadernos CEOM- Ano 25- Arquivos e tecnologias digitais, 2011. Disponível em <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/965/547>>. Acesso em: 14 de março de 2017.